

# COSMOPOÉTICAS .NÓS: tecnologias afrofuturistas de retomada e cultivo da *casa negra* em Campinas/Sp

Palavras-Chave: afrofuturismo, território, tecnologia

Autores(as):

MARÍLIA CHUPEL FREIRE CARVALHO DOS SANTOS, IFCH – UNICAMP  
Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. STELLA ZAGATTO PATERNIANI (orientadora), IFCH – UNICAMP

---

## INTRODUÇÃO:

Neste estudo etnográfico, reflito sobre cosmopoética quilombola e afrofuturismo a partir da experiência da Casa de Cultura Tainã, um quilombo urbano que enraizou, na periferia de Campinas, uma cultura de autonomia, comunhão e ancestralidade. Conectada à Rede Mocambos — uma rede de solidariedade quilombola — a Casa cultiva o sonho de Baobáfricanizar as Américas e criar um mundo mais do nosso jeito, mais *.nós*.

## OBJETIVOS:

A partir da análise das tecnologias digitais do NPDD (Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento Digital da Rede Mocambos) e da experiência da Rota dos Baobás, pretendo apresentar algumas reflexões sobre como os baobás protagonizam uma práxis territorial afrofuturista na Casa de Cultura Tainã. Primeiro, examino a apropriação e o desenvolvimento dessas tecnologias no quilombo. Em seguida, discuto a retomada de tecnologias ancestrais na práxis territorial da Casa Tainã, como o tambor, a mucua e as sementes crioulas. Com isso, proponho um olhar crítico à colonialidade e procuro demonstrar como o plantio de baobás, aliado ao uso de software livre e à produção de tecnologias de comunicação, contribui para a construção de uma geopolítica abolicionista.

Por fim, a pesquisa busca reconhecer e tecer conexões cosmopoéticas com diferentes imaginários afrofuturistas que atravessam o Atlântico Negro em poesias, narrativas e projetos comunitários desenvolvidos pelo movimento negro. Para isso, proponho uma ampliação conceitual do termo afrofuturismo:

O termo originalmente cunhado em ensaios de crítica literária afro-estadunidense designa um movimento que aborda questões e preocupações da diáspora africana por meio da tecnocultura e da fabulação especulativa. O termo *afrofuturismo* foi continuamente reapropriado e expandido para outros contextos e se consolida como uma política epistêmica mais ampla comprometida com a produção de territórios livres e políticas comunitárias.

Retomando as formulações apresentadas pela African Artist Foundation (2025), podemos pensar o afrofuturismo como um *plano operacional para a soberania pós-colonial, em que recodificamos o espaço, a terra e a tecnologia como ativos ancestrais para forjar uma arquitetura política afro-referenciada*. Essa perspectiva, apoiada pela tese de Beatriz Nascimento, permite afirmar que o quilombo é um território afrofuturista.

## METODOLOGIA:

A pesquisa utilizou diferentes metodologias incluindo (1) etnografia multissituada – guiada pelos sonhos e realizada em sua maior parte na Casa de Cultura Tainã; (2) revisão bibliográfica sobre pensamento negro radical e afrofuturismo e (3) pesquisa em arquivo digital. Um dos principais deslocamentos metodológicos ocorreu quando, já envolvida com a Casa, percebi que os sonhos – tanto os noturnos quanto os devaneios – passaram a se tornar recorrentes e significativos na minha trajetória de pesquisa e estavam me levando de volta ao quintal da Casa. Comecei a lembrar mais o que sonhava e a sonhar com os Baobás. Mesmo estando fora da Tainã, eu me via desenhando intuitivamente imagens que mais tarde passaram a funcionar como sistematizações gráficas da experiência de campo. Assim, mobilizei o desenho como ferramenta etnográfica, inspirada pela antropologia do desenho (Kuschner, 2000). Ainda que a proposta inicial da pesquisa já mencionasse a

intenção de investigar tecnologias afrofuturistas, a centralidade dos Baobás emergiu apenas durante o campo – em grande parte, por meio desses sonhos e imagens que me convocaram a prestar atenção a um conhecimento não planejado, mas vivenciado.

**Nesse sentido, sonhar com Baobás foi também um método, e foi nesse processo que compreendi que, para seguir pesquisando, eu precisava sonhar junto com a Casa e elaborar uma política afrofuturista de pesquisa.**

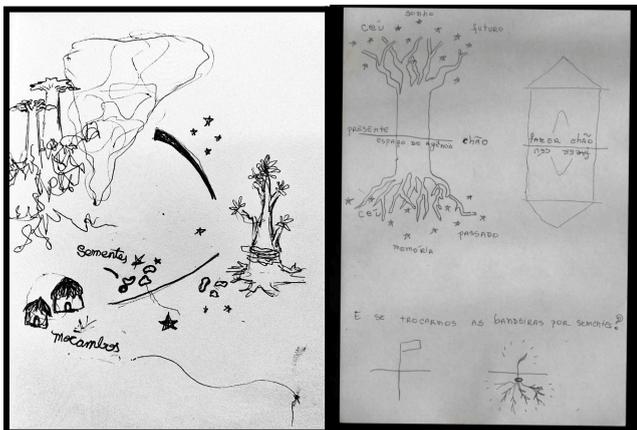


fig. 1 e 2: Desenhos do caderno de campo

A segunda etapa da metodologia foi a sistematização de gravações transmitidas na TV Tainã e arquivos retirados da plataforma Baobáxia, tecnologia bastante cara a esta pesquisa que consiste em um repositório multimídia projetado pela Rede Mocambos e idealizado na Casa de Cultura Tainã, que hoje funciona também como portal de notícias, criação de linhas do tempo e georreferenciamento dos territórios que compõem a Rede.



fig. 3: Print da tela inicial da plataforma Baobáxia.

## DISCUSSÃO E REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS

### 1. Crítica à Geopolítica Colonial

Não podemos assumir a geografia política colonial como a única possível. Os mapas são, antes de tudo, abstrações — ferramentas criadas para organizar o mundo segundo interesses específicos. No ensaio *On How We Mistook The Map for the Territory, and Re-Imprisoned Ourselves in Our Unbearable Wrongness of Being, of Désêtre - Black Studies Toward the Human Project*, Sylvia Wynter denuncia como a geopolítica colonial impôs essas representações como se fossem a própria realidade, substituindo territórios vivos por fronteiras imaginárias. Ao confundirmos o mapa com o território, naturalizamos estruturas coloniais como o Estado, a propriedade e a raça, apagando outras cosmopercepções possíveis.

Na apresentação do projeto “Dig Where You Stand (2025) a AAF afirma que “A África não é um mapa, é uma rede. Não fomos criados por fronteiras, uma fronteira não nos contém. Somos constelações. O colonialismo recortou a África para dividir e conquistar. Mas a África pré-colonial era relacional: Rotas de intercâmbio antes de estradas. Línguas atravessando paisagens. Ritmos sagrados que cruzavam oceanos. A África existe na diáspora, como eco e código. Reivindicar a África é reativar uma lógica de rede através do tempo, da cultura e da geografia. Onde você localiza seu lar diaspórico — um lugar que sente seu, mesmo que nunca tenha estado lá? Que línguas, comidas, gestos você compartilha com pessoas que nunca conheceu? E se a unidade africana não for política, mas relacional, ancestral, cósmica? ...E não será isso também política?”.

## 2. Semeando constelações mocambolas



arquivo Baobáxia.

Nos quilombos, os mocambos eram casas que funcionavam como núcleos de refúgio, produção e decisão coletiva. Na arquitetura política de Palmares, os mocambos se articulavam em rede, com autonomia local e ações interconectadas. Inspirada por essa lógica ancestral, surge a Rede Mocambos: um movimento que conecta comunidades, quilombos, movimentos sociais, hacker-ativistas e artistas plantando Baobás, trocando sementes e compartilhando uma infraestrutura digital autônoma.

Essa dinâmica se reflete nas tecnologias e formas de inscrição territorial impulsionados pela Rede, como no design da Baobáxia e da Rota dos Baobás — ambas iniciativas que desempenham um papel estruturante em sua formação. Essas ações foram articuladas a partir da Casa de Cultura Tainã, onde os baobás assumem um papel central em sua concepção e desenvolvimento.

O nome Baobáxia significa ‘galáxia de baobás’ e remete à imagem poética dessas árvores, que, nas tradições orais africanas, são frequentemente descritas como plantadas de ponta-cabeça, como se seus galhos fossem raízes crescendo em direção às estrelas. Essa concepção está relacionada diretamente com o nome Tainã, que em tupi-guarani traduz-se como ‘caminho das estrelas’. Essa imagem também aparece na ficção especulativa de Octavia Butler *na Parábola do Semeador*, em que Lauren Olamina propõe que para construirmos refúgios e fugir do horror colonial, devemos criar raízes entre as estrelas.

fig. 5:  
imagem de  
mucua  
digital  
móvel  
encontrada  
no arquivo  
Baobáxia.



A Baobáxia compõe a estratégia de construir um sistema de gestão de memória comunitário e livre. É uma infraestrutura digital, desenvolvida no quilombo, que permite o armazenamento e compartilhamento de memórias digitais, como fotos, vídeos, documentos, de forma independente. Na

baobáxia conseguimos visualizar no espaço digital algumas dessas constelações que compõem a Rede Mocambos, conectadas pelas mucuas digitais. Na Baobáxia chamamos os servidores e data-centers de mucuas e o processo de instalação de um data-center na Rede é chamado de mucuação. Não são chamados de servidores por inferir uma relação de servidão, por isso a preferência em chamar de mucuas - que é o nome do fruto do Baobá. Nela estão guardadas as sementes e portanto, a memória. Esse modo de compreender a memória digital revela a importância das sementes enquanto tecnologia ancestral de gestão da memória. Nas mucuações, a troca de sementes crioulas, assim como a troca de saberes, com outros territórios implica o entrelaçamento de linhagens e redes de ancestralidade. Circulando os territórios as sementes operam como biotecnologias ancestrais de criptografia, pois guardam um código de vida, um genoma.

Na Rota dos Baobás, a Casa tece essas conexões plantando-os nos territórios. É através desse plantio que um território se enraíza como parte da Rede, sendo assim, uma forma de ocupar e demarcar território. Embora o Estado não reconheça oficialmente os Baobás como marcadores de posse legal da terra, eles, no entanto, impediram despejos e grilagens ao serem reivindicados e protegidos como patrimônio cultural. Exemplos como esses revelam uma forma de tática espacial fugitiva, que opera em atrito com as ontologias dominantes de propriedade, território e legalidade. **Deste modo, enraízam uma ética política comunitária, hackeando os códigos operacionais e de linguagem do Estado.**



fig. 6: foto de mudas de Baobá, encontrada no arquivo Baobáxia.

## CONCLUSÃO:

“A transtopia afrofuturista é uma maneira de unir tempo e espaço que combina o reconhecimento da colonialidade e o do quilombismo<sup>1</sup>, isto é, a violência colonial do passado como existente para além do tempo cronológico e uma recusa em reduzir a história a tais elementos.” – *Stella Paterniani*, (2019, pág 46)

A experiência da Casa de Cultura Tainã é um exemplo significativo de soberania afrofuturista. Estou partindo do reconhecimento de que os modos de apropriação tecnológica, desde as gambiarras; as formas de imaginação e reivindicação de África nos quilombos e terreiros; o resgate da cultura griot; a utilização hackeada de termos legais pelo movimento negro para criar políticas públicas de reparação histórica; o plantio e celebração dos Baobás e o exercício do sonho como política de prefiguração compõe uma política afrofuturista. São práticas de especulação da vida negra que constroem *transtopias afrofuturistas* (Paterniani, 2019):

Observar o céu noturno, assim como sentar ao pé de um Baobá nos convoca a sonhar de modo interconectado e a formar constelações. Operando os Baobás como nós, os Baobás significam pontos de encontro físicos e virtuais e compõe uma estrutura terrestre e política de comunicação. Pensar um *mundo mais do nosso jeito*, na cosmopoética *.nós*, implica um compromisso de solidariedade radical, engajamento comunitário e enraizamento no território.

A análise das tecnologias digitais do NPDD e da plataforma Baobáxia, juntamente com a experiência da Rota dos Baobás, ilustrou práticas de apropriação e desenvolvimento de ferramentas como um processo de recodificação, um modo de hackear e recompor tecnologias para promover a soberania nos territórios a partir da resgate de cosmopercepções ancestrais. Esses exemplos

<sup>1</sup> conceito formulado por Abdias Nascimento que nomeia a cosmopolítica quilombola, defendendo esta como um caminho de emancipação frente à violência colonial.

evidenciam a construção de uma espacialidade constelar e afrofuturista, que envolve uma dimensão técnica, tática, e ao mesmo tempo ecológica e transcendente.

Se passarmos a compreender a relação de ocupação da terra por vínculos relacionais e de ancestralidade, podemos afirmar o quilombo também como um território africano. Na trama das áfricas quilombolas, sobretudo para os quilombos envolvidos com a Rede Mocambos, os Baobás são tecnologias de especulação da vida negra, pois influenciam radicalmente o modo como percebemos o tempo, ocupamos e mapeamos o espaço e os sentidos do cosmos, ou seja, são seres cosmopoéticos, criadores de mundo.

## BIBLIOGRAFIA

- AFRICAN ARTISTS' FOUNDATION. *African Artists' Foundation*. Lagos: AAF, 2007-. Disponível em: <https://www.africanartists.org>.
- AFRICA IS A COUNTRY. Site da revista Africa is a country, 2024. Plataforma de divulgação científica e artística. Disponível em: <https://africasacountry.com/2015/04/a-studio-visit-with-afrofuturists-pamela-phatsimo-sunstrum-and-thenjiwe-ni-ki-nkosi>
- ANDRADE, Daniel Cardoso de. *Afrociberdelia mocamba: Baobáxia na rota digital do Campinho da Independência*. 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020
- BLACK QUANTUM FUTURISM. Site do projeto Black Quantum Futurism. Disponível em: <https://www.blackquantumfuturism.com/>.
- BONA, Dènetém. *Cosmopoéticas Do Refúgio*, Florianópolis. Editora Cultura e Barbárie. 2020
- BUTLER, Octavia E. *A Parábola do Semeador*. Tradução de Carolina Caires Coelho. 1. ed. São Paulo: Morro Branco, 2018
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. 31ª Bienal de São Paulo - *Histórias ao Pé de um Baobá*. Disponível em: <http://www.31bienal.org.br/pt/post/1807>.
- GRUPO CONTRAFILÉ. *Árvore-escola*. São Paulo: Grupo Contrafile, 2014. Disponível em: [https://issuu.com/grupocontrafile/docs/arvore\\_escola\\_livro\\_digital](https://issuu.com/grupocontrafile/docs/arvore_escola_livro_digital).
- McKITTRICK, Katherine. *Sylvia Wynter: On being human as praxis*. Durham: Duke University Press, 2015.
- PATERNIANI, Z. Stella. *São Paulo cidade negra : branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia*. Tese (doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- PATERNIANI, Z. Stella. Ocupações, práxis espacial negra e brancopia: para uma crítica da branquidade nos estudos urbanos paulistas. *Revista de Antropologia*, v. 65, p. e197978, 14 out. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/tbrznRy8nMrmJd8rPkSRjSF/abstract/?lang=pt>.
- REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL BAOBÁXIA. Baobáxia. Disponível em: <https://www.baobaxia.org/>
- REDE MOCAMBOS. Mapa da Rede Mocambos. Disponível em: <https://mapa.mocambos.net/>.
- SANTOS; Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo. Ubu Editora, 2023.
- SESC VILA MARIANA. #PalavrasCruzadas: Movimento Quilombola, com TC Silva. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZHu-j2Ap3Q>.
- SMITH, C.; DAVIES, A.; GOMES, B. In front of the world: translating Beatriz Nascimento. *Antipode*, v. 53, n. 1, p. 279-316, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/anti.12690>.
- THE FUNAMBULIST. *The Funambulist: Politics of Space and Bodies*. Paris: The Funambulist EURL, 2015-. Disponível em: <https://thefunambulist.net>.
- TV TAINÃ. Canal de transmissão ao vivo da Casa de Cultura Tainã. Disponível em: <https://tv.taina.net.br/tv/>.
- WYNTER, Sylvia. *Novel and History, Plot and Plantation*. In: JAMES, C. L. R. (Ed.). *The Routledge Reader in Caribbean Literature*. Londres: Routledge, 1996.
- ZHANG, S.; ARAUJO, M. R. P.; NUNES, A. C. de A. A terrestrial Internet from the quilombos: the transatlantic evolution of baobab from colonial to digital capitalism. *Tapuya: Latin American Science, Technology and Society*, v. 5, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/25729861.2022.2037818>.